

DURKHEIM E A SOCIOLOGIA DÁ EDUCAÇÃO NO BRASIL*

Fernando Correia Dias**

Introdução

Este texto objetiva lembrar os traços primordiais da concepção expressa por Emile Durkheim (1858-1917) a respeito da realidade educacional. Analisa como o tema se insere no conjunto da obra do sociólogo francês, e também as motivações que o levaram a cuidar do condicionamento social da Educação. Nesta parte, serão expostos os principais resultados de uma leitura crítica do livro **Educação e sociedade**, assim como se dará notícia do conteúdo e das circunstâncias do aparecimento dos dois outros livros sobre Educação, escritos pelo sociólogo em foco.

No tópico seguinte, centra-se a atenção sobre as marcantes influências durkheimianas no pensamento social brasileiro e, em particular, nas práticas educativas aqui vividas. Lembrar-se-ão desdobramentos realizados por discípulos de Durkheim, o uso das respectivas categorias analíticas como suporte para pesquisas e a presença das referidas idéias em salas de aula. Circunscreve-se a análise a essa influência, sem cogitar, a não ser de passagem, de outras correntes que hoje dominam o campo educacional brasileiro, e cuja detida consideração tornaria muito extenso o artigo.

No final, indaga-se sobre a atualidade da contribuição durkheimiana no Brasil de hoje.

* Versão escrita de palestra proferida a convite do Grupo Educação e Sociedade, da ANPOCS, na reunião de outubro de 1987. Atuou como debatedora a professora Aparecida Joly Gouveia.

** Pesquisador associado da UnB; bolsista do CNPq.

A iniciativa de suscitar semelhantes questões justifica-se duplamente: pela perceptível retomada do interesse intelectual pelo pensamento clássico, no mundo acadêmico das Ciências Sociais; e pelo fato de que muitos sociólogos estão se empenhando prioritariamente em compreender os processos educativos no Brasil. O método histórico de Durkheim, nesse terreno, aspecto geralmente desprezado pelos analistas, poderá, a nosso ver, indicar horizontes aos estudiosos brasileiros.

Este trabalho é deliberadamente informativo, com isso tentando abrir uma trilha para o próprio autor e colegas interessados no tema.

A questão educacional

Ao longo de intenso trabalho intelectual, por algumas décadas, Durkheim esforçou-se de modo notável para construir a especificidade sociológica e esclarecer os fundamentos sociais da educação. Além da cátedra e do livro, usou, para tanto, **L'Année Sociologique**, fundado em 1896, e em torno do qual se agruparam os discípulos que comporiam a Escola Francesa de Sociologia.

O contato com a biografia desse autor leva-nos, simultaneamente, a algumas convicções e a determinadas perplexidades quando se trata de entender o duplo percurso de educador e sociólogo por ele realizado.

É certo que se preparou, desde muito jovem, para o magistério. Orientando-se para a Filosofia, cursou a Escola Normal Superior de Paris, ali convivendo, entre mestres e colegas, com as mais brilhantes figuras da intelectualidade da época; preservou, entretanto, o espírito de rigor, a seriedade e uma oposição aberta à "atitude diletante", que percebia no mundo acadêmico. Ao brilho retórico e à busca obsessiva de originalidade, preferia a aplicação constante na procura do conhecimento exato da realidade¹.

¹ Para o estudo da formação intelectual do sociólogo, ver o livro de Alpert (1945).

A carreira docente foi contínua e ascensional. A primeira mensagem escrita, como educador, se encontra no discurso proferido, aos 25 anos de idade, no Liceu de Siens. Era ele o orador encarregado de saudar, em cerimônia de premiação, os ginasianos que mais se haviam destacado. Antes de transmitir seus conselhos aos jovens, discorre sobre o tema de interação dos "grandes homens", os de gênio, com os homens comuns. Contesta opinião elitista de Renan, para quem os primeiros "seriam a própria finalidade da humanidade". Durkheim acentua a importância da formação adequada e da difusa presença do homem comum como decorrência da natureza das relações sociais vigentes nas sociedades modernas.²

Entre 1887 e 1902, leciona Pedagogia e Ciência Social na Faculdade de Letras de Bordéus, época em que dedica considerável parte do tempo em formar mestres primários. Admitido como professor da Sorbonne, inicialmente como auxiliar do famoso educador Buisson e depois como efetivo, começou pela Ciência da Educação; só mais tarde ganhou a disciplina que lecionava o status também de ensino sociológico. Quando se fez a reforma do ensino francês (1902), encarregou-se de organizar um "estágio pedagógico teórico" na Universidade de Paris, destinado aos candidatos à agregação, degrau correspondente a substituto do cate-drático.

É fora de dúvida, do mesmo modo, que se ocupou, prioritariamente do aspecto institucional, isto é, da boa organização do sistema nacional de ensino na França. Verifica-se que atividade pedagógica e reflexão no plano da teoria se conjugavam na pessoa do sociólogo. O interesse que mantinha pela situação educacional do país derivava de diferentes fontes, relacionadas estas quer com sua formação intelectual, quer com as conjunturas políticas em que viveu. Decorria esse empenho do conhecimento histórico, que dominava, tanto da vida social francesa, como das idéias pedagógicas; de uma atitude crítica e, simultaneamente, aberta face à sociedade urbano-industrial nascente; do desejo de construir uma

² O texto de Durkheim, *Discours aux lycéens de sens* (pronunciado em 6 de agosto de 1883), foi descoberto por um professor da Duke University (Durham) em 1966. conforme Tiryakian (1967).

ética secular, fundada na razão e distante de qualquer legado religioso tradicional; da identificação cívica com a França republicana, a nação da III República, subsequente à trama da derrota na guerra franco-prusiana, às agitações da Comuna e ao arbítrio do II Império.³

Apresentados tais fatos evidentes, pensemos nas singularidades — não isentas de contradição e estranheza — de que se revestem a obra educacional de Durkheim e a trajetória da respectiva influência.

Embora tenha se dedicado, como é patente, com a mesma intensidade, à Educação e à Sociologia, o certo é que os livros fundamentais de teoria, pesquisa pioneira e metodologia obscurecem o restante da produção intelectual durkheimiana, inclusive na área educacional. Pela ordem cronológica, estas são as obras consideradas mais relevantes, ressaltando-se que os demais livros são quase todos póstumos: **De la division du travail social (1893)**; **Les règles de la méthode sociologique (1895)**; **Le suicide (1897)** e **Les formes élémentaires de la vie religieuse (1912)**.

Alguns dos mais eminentes historiadores do pensamento sociológico ou intérpretes da obra de Durkheim omitem por completo qualquer referência às contribuições que ele ofereceu à Sociologia da Educação.⁴ Em contrapartida, existem, por parte de outros sociólogos, estudos preciosos para que se compreenda o sentido e a relevância dessa parte da produção intelectual do autor ora focalizado.

Consideramos o ensaio de Paul Fauconnet (1978), que serve de texto explicativo do livro **Educação e sociologia**. Estão ali interpretadas as idéias e as distinções básicas defendidas, nesse terreno, pelo autor do livro, tanto nos escritos publicados, como nos cursos ministrados e que se mantinham inéditos à época desse ensaio introdutório (1922). Chama-se especialmente a atenção para o prisma sociológico adotado nesses

³ Para informações biográficas e a contextualização histórica da obra de Durkheim, ver o excelente trabalho de Rodrigues (1988).

⁴ Por exemplo, Aron (1987).

estudos, e consistente no entendimento da Educação como fenômeno social, a ser examinado pelo processo positivo.

São de particular importância os textos que procuram correlacionar os temas pedagógicos com o restante da obra de Durkheim, especialmente onde ele exprime o modelo de sociedade que adota. Um pequeno livro de Giddens (1981) é ilustrativo dessa orientação crítica.⁵

Coube a discípulos próximos a Durkheim organizar seus livros póstumos — e explicá-los. Aqui aparece outra peculiaridade. O sociólogo não teve continuadores, pelo menos de modo imediato. "Os franceses foram agraciados com uma tradição: a do patriarca, do fundador que qualquer sociólogo francês venera de alguma forma, mesmo os que se lhe opõem", diz Viviane Isambert-Jamati. Acrescenta que houve um eclipse dos estudos sociológicos com a morte de Durkheim (1917) e de vários de seus discípulos, durante a I Guerra Mundial, inclusive o filho desse mestre, André, morto no campo de batalha. Nas décadas seguintes, estuda-se Educação, mas nem sempre pelo ângulo sociológico. O surto desse ramo da Sociologia, por pressão dos conflitos sociais concretos, só se dará a partir das décadas de 60 e 70 (Isambert-Jamati, 1986).

O mesmo raciocínio é exposto por Fernando de Azevedo, o principal discípulo brasileiro do sociólogo francês. Lembra o aparecimento tardio de uma Sociologia da Educação, quando outros setores sociológicos já se encontravam perfeitamente consolidados. Com um "pequeno e excelente livro" (**Educação e sociologia**) firma-se um ponto de partida para a disciplina (Azevedo [19 --]).

Antes de passarmos à análise dos três livros diretamente ligados à educação, iremos expor uma apreciação genérica sobre o significado dessa obra, entre as correntes da Sociologia da Educação.

Em escrito publicado pela primeira vez em 1963, Antônio Cândido distingue três linhas de pensamento, definidas em razão do ângulo de análise

⁵ Especialmente o capítulo **Autoridade moral e educação**, p. 46-58.

predominante: a filosófico-sociológica, a pedagógico-sociológica e a sociológica propriamente dita. Elucida o teor das manifestações em cada uma delas e conclui que a terceira tendência representa, nos melhores casos, uma espécie de confluência das anteriores, no sentido de "determinar, com o devido rigor analítico, os critérios para estudar a estrutura interna da escola e a posição da escola na estrutura da sociedade". Tal objetivo representa a superação, por um lado, do mero exercício especulativo e, por outro, do imediatismo interessado em aplicar o ponto de vista sociológico no aprimoramento do sistema escolar ou das relações entre a escola e a comunidade (Cândido, 1963).

De qualquer forma, o enfoque filosófico-sociológico, aquele de que são paradigmas Durkheim e Dewey, expressamente mencionados por Cândido, constitui, a despeito de qualquer limitação que se lhe possa atribuir, o ponto de partida para o exame sociológico da Educação, debruçando-se sobre o "caráter social do processo educativo, seu significado como sistema de valores sociais, sua relação com as concepções e teorias do homem" (Cândido, 1963, p. 7).

John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte-americano, foi contemporâneo do sociólogo francês, porém, tendo alcançado longa vida, pôde acompanhar transformações sociais ainda mais profundas do que as verificadas no começo do século XX; em contato com esses fatos, pôde aprofundar suas convicções democráticas.

Cabem aqui duas observações a propósito do vínculo histórico entre os dois pensadores.

A primeira é a de que os trabalhos de Dewey despertaram a atenção de seu colega francês; **L'Année sociologique** registra alguns desses escritos. Como se sabe ainda, Durkheim lecionou um curso sobre o Pragmatismo, pouco antes de falecer; as exposições foram compiladas em livro, décadas depois, com base nas anotações dos alunos e graças à iniciativa de Armand Cuvillier.

Mauss tem, a esse respeito, lembrança de que Durkheim procurava situar-se e à sua própria filosofia face a autores como Bergson, William James, John Dewey, assim como outros pragmatistas americanos. Tinha em conta, sobretudo, a figura

de Dewey, "por quem possuía viva admiração" (Durkheim, 1955; Mauss, 1925)

Pode-se especular que dentre os motivos dessa aproximação intelectual, encontrava-se o mesmo modo de ver a ética social como processo essencialmente secular.

A outra observação se refere à coincidência de que os dois autores citados por Antônio Cândido hajam tido tão decisiva influência na renovação educacional que se processou no Brasil, durante as décadas de 20 e 30: nos tempos da Escola Nova.

Pela ordem cronológica, aparece o primeiro livro póstumo em 1922: **Educação e sociologia** (Durkheim, 1922, 1966). Além da já mencionada Introdução de Paul Fauconnet, o livro contém quatro capítulos (A educação — sua natureza e função; Natureza da Pedagogia e seus métodos; Pedagogia e Sociologia; A evolução e a função do ensino secundário na França) que foram redigidos em épocas diferentes. O texto "Pedagogia e Sociologia" aparecera, pela primeira vez, em 1903, na **Revue de Methaphysique et Morale**, n. 11, Os dois primeiros foram lições inaugurais na Sorbonne. O quarto capítulo é a aula inaugural do curso sobre o ensino secundário na França (texto de 1905). Somente em 1966 surge uma nova edição desse livro, naquele país, com prefácio de Maurice Debesse, professor da Sorbonne, que tinha sido aluno de Fauconnet.⁶

O primeiro capítulo divide-se nos seguintes tópicos: As definições de educação — exame crítico; Definição de educação; Conseqüência da definição precedente: caráter social da educação; A função do Estado em matéria de educação; Poder da educação e meios de seu exercício.

Procede o autor a sistemática análise crítica das concepções do processo educativo, formuladas principalmente por pensadores e filósofos moder-

⁶ A Escola Francesa de Sociologia apresenta muitos casos de "sucessão apostólica", sempre a partir de Durkheim, para usar uma interessante expressão divulgada por Albert (1945. p. 31). segundo o qual Renouvier pretendia ser "sucessor apostólico de Kant".

nos.⁷ Crítica, às vezes, a abrangência das propostas; noutros casos, o pouco alcance ou o caráter subjetivo das formulações. O que há de comum nesses questionamentos é a negação do caráter individual desse processo (especialmente quanto a suas finalidades) e de uma natureza fixa e imutável, dotada de virtualidade à espera de se tornarem explícitas pela ação educativa.

Os sistemas educacionais, com a definição dos respectivos fins, são criados pela sociedade, não abstratamente, mas por sociedades concretas, historicamente determinadas. Constitui-se o homem e constitui-se o cidadão. Este último é moldado pelas expectativas dos diversos meios (representados por diferentes grupos sociais) em que se divide determinado povo. Durkheim multiplica os exemplos de exigências criadas pelas várias civilizações, desde a Antiguidade (tanto orientais como ocidentais) para integração dos indivíduos na vida social. No mundo moderno, a referência predominante é a moldura nacional.

Depois de "limpar o terreno", examinando os antecedentes, isto é, as concepções individualistas, o autor propõe sua definição própria:

"A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina" (Durkheim, 1978, p. 41).

Ressaltam dois aspectos: o da homogeneidade ("fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais") e o da diversidade de meios sociais (profissões, classes, grupos). Destaca, especialmente, os grupos profissionais. Como conseqüência da definição, propõe-se distinguir o "ser individual" — constituído dos estados mentais "que não

⁷ A edição americana **Education and sociology** faz um levantamento das "referências pedagógicas" em número de 26 (Durkheim, 1956).

se relacionam senão conosco mesmos" — e o "ser social" — que engloba "as crenças religiosas e as práticas morais, as tradições nacionais e profissionais, as opiniões coletivas de toda espécie (Durkheim, 1978, p. 82-83). A Educação se presta a constituir esse segundo ser em cada um de nós.

O segundo capítulo é dedicado a estabelecer claras distinções entre conceitos usuais nessa matéria. Assim, Educação, enquanto ação exercida por pais e mestres junto às crianças, diferencia-se da Pedagogia, consistente esta em teorias, "maneiras de conceber a educação". Distingue ainda Ciência da Educação e Pedagogia; para o exercício da primeira, propõe uma série de requisitos epistemológicos. Desce depois a importantes indicações a respeito da formação histórica das propostas pedagógicas e a respeito da arte de educar, a ser desempenhada na prática cotidiana.

O terceiro capítulo trata das relações entre o campo educativo e a Sociologia. Insiste no caráter social da Educação, uma vez que "os processos educativos não são organizados para os indivíduos". Os fins da Educação constituem objeto de estudo da Sociologia, que os detecta em cada época e em cada sociedade. Cabe à Psicologia fornecer subsídios para definir os meios pelos quais se exerce a Educação.

O quarto capítulo cuida da natureza do ensino secundário e de como ele evoluiu dentro do sistema escolar francês em diferentes etapas históricas: é a aula inaugural e a proposta do desenvolvimento do tema durante todo o curso, que o autor pretendia reunir em outro livro.

A apreciação de **Educação e sociologia** deve partir da lembrança das circunstâncias em que se redigiu. Todos os capítulos foram escritos no começo deste século, abrangendo o intervalo de oito anos (1903-1911). Era, inegavelmente, um momento de crise social e educacional, em cujo debate o próprio autor interveio constantemente. Expressa, ademais, a experiência docente do sociólogo, iniciada em Siens, prosseguida em Bordéus e consolidada em Paris.

Não se pode separar o estudo dos fatos educativos, tal como aí se

formulam, do conjunto teórico-metodológico da obra do autor. Recordemos apenas três exemplos. É evidente que a idéia da dicotomia homogeneidade-heterogeneidade, assim como as freqüentes alusões à necessidade de especialização no mundo contemporâneo, constituem temas visceralmente ligados às concepções de divisão do trabalho social sustentadas pelo autor do livro clássico sobre o assunto. Ao tratar de constituir uma Ciência da Educação, estabelece condições — "os estudos devem recair sobre fato que conheçamos" e "é preciso que esses fatos apresentem entre si homogeneidade suficiente para que possam ser classificados numa mesma categoria" (Durkheim, 1978, p. 58-59)— que derivam de **As Regras do método sociológico**. Também se encontra neste último livro a definição de fato social, que inclui as características da exterioridade e da coerção, que o autor aponta, por sua vez, como características da Educação (ou dos sistemas educativos).

Estamos convencidos de que **Educação e sociologia**, não obstante ser um livro bastante datado, contém contribuições apreciáveis à Sociologia da Educação. Em primeiro lugar, destaquemos a argumentação cerrada e convincente sobre a natureza social do processo educativo. A apreciação dos papéis da Sociologia e da Psicologia, nesse campo, certamente deve ser menos rígida hoje em dia: a Psicologia não se ocupa apenas do indivíduo enquanto tal. Mesmo assim, a distinção entre fins (de caráter social) e os meios (de caráter psicológico) continua válida. Muitas das trivialidades que hoje podemos ler sobre a dupla herança no processo de socialização (os legados biológico e cultural) aparecem embrionariamente no denso e sóbrio texto durkheimiano. A negação de uma rígida natureza humana imutável representa outro ponto positivo. Por fim, para dizê-lo sinteticamente, algumas das distinções conceituais continuam insuperadas.

Durkheim, entretanto, nos apresenta o processo educativo como regulamentação social estática em cada momento de equilíbrio da evolução social, isto é, em cada vigência do sistema educacional definido pela sociedade através da escolha dos fins. Há pouca possibilidade de mobilidade social: as pessoas são preparadas para viver, de modo conformista, no meio social a que se destinam, nunca para deslocar-se a outro meio.

Não se visualiza, na definição transcrita, um processo dialógico, mas apenas o rito de inculcar sobre as crianças os conteúdos da mentalidade adulta.

Valeria a pena, na releitura de **Educação e sociologia**, verificar o que mudou — e mudou radicalmente — no mundo, desde o começo do século. A indústria cultural rompeu as fronteiras dos sistemas educativos estritamente institucionalizados nas diversas nações; a tecnologia educacional transformou os meios da Educação, dando novas tarefas, por exemplo, à Psicologia da aprendizagem. Sugerimos apenas essa releitura como um desafio, pois não há aqui espaço sequer para esboçá-la.

O segundo livro póstumo a aparecer, nessa área, é **L'éducation morale**, editado em 1925. De acordo com a **Advertência**, assinada por Fauconnet, organizador do volume, tratava-se do primeiro curso que Durkheim lecionou na Sorbonne, no ano letivo de 1902-1903. Entretanto, durante a permanência em Bordéus, já havia esboçado a matéria ministrada. Compu-nham-se os originais de vinte lições, mas o organizador eliminou as duas primeiras, que versavam sobre "metodologia pedagógica". A primeira dessas lições cortadas corresponde ao terceiro capítulo de **Educação e sociologia**.

O livro editado se abre com um capítulo sobre moral laica. A primeira parte compreende "Os elementos da moralidade", respectivamente divididos nos tópicos "o espírito de disciplina", a "adesão ao grupo" e a "autonomia da vontade". A segunda parte, denominada "Como desenvolver na criança os elementos da moralidade", é simétrica à primeira, na análise dos processos de aquisição da disciplina e dos vínculos grupais. Faltou a terceira seção dessa parte do livro. "É que a autonomia", esclarece Fauconnet, "representa o assunto de O ensino da moral na escola primária", tema ao qual Durkheim consagrou, por várias vezes, notadamente em 1907-1908, um curso anual completo. O manuscrito desse curso

⁸ Para uma crítica dos aspectos conservadores da concepção de Durkheim, ver Freitag (1984a, p. 15-24).

não se encontra organizado em condições de ser publicado" (Durkheim, 1974, pt.4).⁹

Como terceiro livro póstumo, na área educacional, aparece **L'évolution pédagogique en France**, editado em 1938 e dividido em duas partes (Das origens à Renascença; e Da Renascença a nossos dias). Organizou-o Maurice Halbwachs, que além de lúcida introdução, publica uma nota sobre os trabalhos de Durkheim em torno de assunto de Pedagogia, quer os publicados, quer os inéditos, com esclarecimentos sobre as circunstâncias em que foram redigidos.

Havia duas redações do manuscrito; o organizador preferiu a mais completa, a primeira, escrita entre 1904 e 1905. Halbwachs ressalta que o autor, mesmo não sendo "historiador de profissão", conhecia bem a metodologia histórica, aprendida com Fustel de Coulanges na Escola Normal Superior.

"Quando aceitara desenvolver esse curso, havia especificado que não se trataria dos problemas pedagógicos de maneira doutrinária, ou psicológica ou moralista. Mostraria, sobretudo, como os fatos se apresentam, sob pressão das circunstâncias e do meio social, quais as soluções que prevaleceram, quais as que tiveram conseqüências, e que ensinamentos devemos delas tirar no presente. É assim que a história foi para ele matéria para reflexão sobre certo número de experiências pedagógicas, cujo quadro de grandes linhas ele nos oferece." (Durkheim, 1969, p. 3)¹⁰.

Mareei Mauss lamenta que as obrigações institucionais, no campo pedagógico, tenham desviado Durkheim de seus projetos pessoais, interrompendo "seus estudos preferidos, aqueles em que era o único responsável

⁹ Há quem considere esse livro de Durkheim o coroamento de seus estudos sobre o fato moral. Para o exame da evolução da idéia da moralidade, no pensamento durkheimiano, ver Wallwork (1972).

¹⁰ Estuda a organização dos sucessivos sistemas escolares e as idéias pedagógicas a que correspondiam; examina o surgimento e a trajetória da Universidade.

e antes de todos, em benefício de trabalhos menos urgentes ou menores"; reconhece, entretanto, que o mestre se orgulhava do desempenho dos professores primários que havia preparado profissionalmente (Mauss, 1925, p. 17-18). De seu lado, Maurice Halbwachs (1969, p. 1) lembra que a Sociologia foi introduzida na Sorbonne "pela porta estreita da Pedagogia". Ambos reconhecem a profunda competência de Durkheim em matéria de Educação.

As queixas partem da afeição dos colaboradores. Ao mesmo tempo em que Durkheim se sentia cerceado pelo modelo institucional da escola de seu país, sentia-se também solidário com esse modelo e co-responsável por ele.

Tais circunstâncias não diminuem o valor de sua obra no campo educativo. Ele não conseguiu, nos últimos anos de vida, em virtude dos múltiplos compromissos institucionais e de cidadão, escrever os textos pedagógicos por completo, como o fizera antes. Apesar de inconclusa e fragmentária, essa parte de sua produção acadêmica permanece como referência obrigatória no pensamento sociológico.¹¹

Durkheim e a educação no Brasil

Pretende-se agora oferecer um panorama da influência que exerceu sobre o pensamento social brasileiro, notadamente na área educacional. A tarefa encontra-se bastante facilitada por existirem valiosos trabalhos anteriores: estudos e resenhas críticas a respeito das etapas da Sociologia no país, da relação entre Educação e sociedade, do cultivo da Sociologia Educacional e das perspectivas desta última em termos de abordagens metodológicas. Temos em mente escritos de Aparecida Joly Gouveia (1979, 1985), Antônio Cândido (1958, p. 510-521; 1967, p.2107-2122), Cândido Gomes (1985, p. 1 -14) e Luiz Antônio Cunha (1986-1987, p.9-37). Em nossos comentários, mesclaremos essas referências com outras fontes e com observações pessoais.

¹¹ Para um estudo comparativo da obra pedagógica de Durkheim e das demais correntes da Sociologia da Educação, ver Gomes (185, cap. 2, especialmente p. 24-28).

Quanto a um dos trabalhos de Antônio Cândido, o de análise da construção da Sociologia no Brasil, deve ser ressaltada uma louvável característica. Sem descurar do contexto histórico em que se produziram as obras clássicas nesse ramo do conhecimento, o autor as submete à mais cuidadosa análise imanente, de modo a transmitir ao leitor o que elas possuem de essencial.

Cabe uma observação de ordem geral. Evidencia-se que "foi pela via do ensino da Pedagogia e pela mão ou pela fala dos educadores que a Sociologia veio a ter status universitário, tendo esse ensino sido institucionalizado, no fim da década de 20 e início da de 30, nos cursos normais, em Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo (Cunha, 1986-1987, p.13). O intercâmbio entre educadores e sociólogos, na atualidade, não é tão intenso como seria desejável e como já foi no passado. Cândido Gomes (1986, p.517) assinala, a propósito do Seminário Internacional de Sociologia da Educação, realizado na PUC-RJ em 1984, que, "significativamente, dentre os inscritos no Seminário, a grande maioria possuía formação básica em Educação (...) Mais uma vez, foi notório o interesse dos educadores e reduzida a participação de sociólogos. O perfil desta composição reflete de perto a trajetória histórica dos estudos sociológicos da Educação no Brasil. Conforme trabalho que elaboramos, ao contrário do que ocorreu nos demais países da América Latina, a Sociologia se institucionalizou no Brasil pela mão do educador".¹² Apesar disso, sabemos, por observação pessoal, da existência, em alguns cursos de Ciências Sociais, de professores muito interessados no estudo sociológico da questão educacional. E é possível que, por influência do Grupo Educação e Sociedade, da ANPOCS, a situação tenda a modificar-se a médio prazo.

Voltando a pensar na influência de Durkheim no pensamento brasileiro, lembremos dois momentos expressivos em que o sociólogo francês despertou, por suas idéias, controvérsias nos meios intelectuais do país. Ambos os casos são recordados por Antônio Cândido.

¹² O n. 157 da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos foi quase todo dedicado a análises e relatos de experiência da Sociologia da Educação em vários países.

O primeiro foi na passagem deste século. Um respeitado jurista de São Paulo, Paulo Egídio de Oliveira Carvalho, havia tomado conhecimento das **Regras do método sociológico**; impressionou-se, especialmente, com o capítulo III, que trata dos conceitos e das inter-relações do normal e do patológico. Aplicando-os à norma jurídica, Paulo Egídio levanta uma série de dúvidas à luz das concepções tradicionais do Direito. Termina por fazer uma competente leitura crítica dos textos durkheimianos. A divulgação desse trabalho interpretativo provoca, da parte de juristas e outros intelectuais, questionamentos e observações irônicas a Paulo Egídio. Segundo Antônio Cândido, esse pioneiro oferece contribuições de relevo, em época pouco receptiva a inovações. Seu esforço, todavia, não produziu conseqüências práticas quanto à aceitação da Sociologia como forma de interpretação da realidade.

O segundo choque causado por Durkheim deve-se à publicação, em 1935, dos **Princípios de Sociologia**, de Fernando de Azevedo, compêndio substancialmente fundamentado nas contribuições da Escola Francesa, e, em particular, nas de seu fundador. Era um tempo de polarizações ideológicas, pouco propício à aceitação de propostas de análises objetivas do real. O livro é criticado por pessoas de diferentes — e até opostos — credos políticos e religiosos. Mas, como bem acentua Antônio Cândido, o ambiente intelectual havia sofrido transformações positivas, até mesmo por força dos desafios e dos conflitos sociais emergentes na sociedade brasileira. As Ciências Sociais tornam-se valorizadas. Era impossível ignorar ou negar, por exemplo, a importância de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. (Cândido, 1985, p.512-513).

O contato de Fernando de Azevedo com os livros de Durkheim se deu antes de 1920, consoante certas indicações. Por volta de 1917, conseguiu o emprego de conferente do LLOYD Brasileiro, no Rio; almoçava, então, nas proximidades do local de trabalho, em restaurantes freqüentados por estivadores. Considera que o convívio com esses operários foi para ele muito marcante; associava essa experiência com as leituras de Durkheim, cujas obras mandara buscar na Europa. Interessou-se, então, pela Sociologia como instrumento para interpretar a realidade, cujo anseio de conhecer fora despertado pelo contato com a condição operária. Noutro trecho de suas memórias, afirma que, ao sair da Ordem Religiosa

(Sociedade de Jesus, na qual completara o noviciado), pusera-se a ler tanto Marx e Engels, que lhe propiciavam uma "posição política", como Durkheim, que lhe oferecia a visão científica própria de uma disciplina em formação. Distinguia explicitamente, no caso de forma discutível, ciência e ideologia (Azevedo, 1971, p. 51 e 210).

Coube aos fundadores da Universidade de São Paulo, dentre os quais figurava com destaque Fernando de Azevedo, o trabalho de instituir o curso de Ciências Sociais, no âmbito da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (surgida em 1934), com o apoio de pessoas (professores e alunos) oriundas do Instituto de Educação. Sociologia e Educação continuavam a andar juntas.

Para o ponto de vista em que nos colocamos neste artigo, releva registrar a presença dos mestres franceses que vieram colaborar com a USP por esse tempo.

Num parêntese, recorde-se, conforme comenta ainda Antônio Cândido, a anterior passagem por São Paulo, em 1926, de Paul Fauconnet, o já citado discípulo de Durkheim. Em conferência, realizada sob os auspícios do jornal **O Estado de São Paulo**, concitou os ouvintes ao estudo sistemático das realidades sociais nacional e regionais; concluiu por afirmar que só depois disso é que poderia se constituir, ao longo de período de duas ou três gerações, a Sociologia no Brasil...

Pelo menos um dos professores franceses, quando da constituição do Departamento de Ciências Sociais e da delimitação de "sociologias especiais", vinculou-se à área de Educação, assim como à de Política. Referimo-nos a Paul Arbousse-Bastide (1937), historiador do positivismo comteano, e autor de longo e informativo ensaio sobre Durkheim, publicado como texto introdutório a uma das traduções das **Regras do método sociológico** editadas no Brasil.

Inexiste uma ligação profunda entre a concepção sociológica durkheimiana e as fontes do positivismo tal como expostas por Comte.¹³ Na

¹³ "Desta maneira, a influência de Comte sobre Durkheim, que, como este, reconheceu com freqüência que não deixa lugar à dúvida, não foi na realidade, tão decisiva como algumas vezes se supõe" (Alpert, 1945, p. 29).

tradição intelectual da burguesia brasileira existe, contudo, esse vínculo. Claude Levi-Strauss teve plena consciência do fato. Convidado a lecionar Sociologia —, na perspectiva de um positivismo modernizado, à moda durkheimiana — estava principalmente interessado, na época, em uma etnologia de campo. Alegava, para esquivar-se da tarefa, que Durkheim não era um homem de campo". A contradição entre a expectativa de seus amigos brasileiros e os interesses intelectuais efetivos, que alimentava. criou para ele certas dificuldades, que acabou por superar, obtendo recursos para suas excursões científicas (Levi-Strauss, Eribon, 1990, p.31).

Edita-se, em 1939, um livro que obteria boa fortuna junto ao público brasileiro: **Educação e sociologia**, de Durkheim.¹⁴ A tradução, feita por Lourenço Filho, baseou-se na edição francesa de 1922. A edição brasileira continha modificações a assinalar. Logo após o título de cada capítulo havia uma espécie de sumário, com os subtítulos que separavam os segmentos do capítulo. Esse sumário deixa de aparecer em edições posteriores. Na edição original, apenas o primeiro capítulo "A educação — sua natureza e função" tinha subtítulos. O tradutor os acrescentou nos demais capítulos. A modificação maior, contudo — e esta negativa — consiste na supressão de duas partes da edição francesa: o quarto capítulo, "A evolução e a função do ensino secundário na França", e do trecho inicial do terceiro capítulo, constituído por uma saudação de Durkheim a Buisson, na aula inaugural em que assume o posto de suplente do velho mestre.

A segunda edição francesa do mesmo livro só aparece no segundo semestre de 1966. A editora Presses Universitaires de France toma a iniciativa de editá-lo, "porque se tornou inencontrável em livraria desde há muito", como se diz no prefácio (Durkheim, 1922, p.vii). Nesse mesmo intervalo (1922-1966), e especialmente depois, o livro teve numerosas

¹⁴ Dentre os vários exemplares desse livro existentes na Biblioteca da UnB (quase sempre fartamente anotados à margem), há um pelo qual se pode deduzir o ano da primeira edição, mesmo sem a data impressa. Esse exemplar é o ofertado pelo tradutor a Fernando de Azevedo, cuja biblioteca particular foi adquirida pela UnB. Diz a dedicatória: "Ao meu querido Fernando de Azevedo, o realizador da mais bela obra de educação, no Brasil. lembrança de coração do Lourenço Filho. São Paulo, 1939".

edições no Brasil. Dos três livros diretamente pedagógicos do autor, é o único existente em português e o único citado em manuais brasileiros de Sociologia da Educação, com exceção do de Fernando de Azevedo.

Pode-se perguntar pelas razões do relativo sucesso dessa obra. A principal parece ser esta: a forma clara da exposição. Por ser livro eminentemente didático (no sentido de compreensível), é indicado por professores de Sociologia Educacional nos cursos normais e nos cursos superiores de Pedagogia.

Pode-se conjecturar também se o caráter conservador da obra não corresponderia a uma tendência perceptível na escola brasileira. Há outra conjectura: cremos que a racionalidade proposta nesse livro representa um avanço no tocante ao caráter patrimonialista da sociedade — e, portanto, do sistema escolar brasileiro. Cremos que essa racionalidade aproxima Durkheim de Dewey no Brasil ao tempo da Escola Nova. A democratização, defendida pelo pedagogo americano, era também um avanço face ao patrimonialismo (a propósito da inclinação democratizante de Dewey, vejam-se as considerações, mais adiante, sobre um texto de Barbara Freitag)

Seria injusto pensar que a permanência da indicação de um livro se deva tão somente à rotina escolar ou a motivos extra-acadêmicas. Deve-se também à iniciativa de professores conscientes de que um clássico (mesmo quando dele se discorde) precisa ser levado em conta, para que seja conhecido pelos alunos em sua dimensão correta e confrontado com autores proponentes de idéias opostas ou mais atuais.¹⁵

Em 1940, ocorreria fato decisivo para o desenvolvimento dos estudos educacionais no Brasil (e na América Latina): edita-se o livro **Sociologia educacional**, já citado, de Fernando de Azevedo com o subtítulo de "Introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais".

¹⁵ O ponto de vista exposto neste parágrafo deriva de uma troca de idéias do autor com Isaura Beloni, professora de Sociologia Educacional da Faculdade de Educação da UnB.

Depois de discorrer sobre outras facetas da atuação de Fernando de Azevedo, Antônio Cândido (1967, p. 2115) assim se manifesta sobre esse livro:

"A sua principal contribuição teórica se encontra em **Sociologia educacional** (1940), onde procura dar a essa disciplina uma fundamentação sociológica coerente, escapando às tendências demasiado pragmáticas dos americanos no sentido de uma sociologia aplicada à educação, que melhor se diria pedagogia sociológica. Trata-se neste livro de inverter de algum modo a posição, considerando a educação como um dos campos de investigação sociológica, armada de um sistema de conceitos, procurando definir o processo educacional no que tem de socialização, para, em seguida, estudá-lo em conexão com as instituições sociais, tanto genéricas como a família e o Estado, quanto específicas, como a escola. Surge assim a necessidade de analisar a emergência dos papéis sociais ligados a ele, a partir dos tipos primitivos de transmissão da experiência cultural. Para isto, Fernando de Azevedo desenvolve as sugestões apontadas por Durkheim, utilizando os dados da antropologia moderna e a sua própria experiência".

A idéia de que o autor desse compêndio tomou a concepção de Durkheim como um prefácio (ou plataforma) a vô mais alto e atualizado é também expressa por Roger Bastide, em carta comentada no prefácio da segunda edição do livro. Nesse mesmo prefácio, Fernando de Azevedo dá um balanço da repercussão de seu trabalho. Comenta o interesse menor, por parte dos sociólogos, pelo setor Educação, comparativamente a outros campos de estudo. Cita alguns professores da USP que consagravam parte de seu esforço de pesquisa a temas educacionais, ressaltando a dedicação de Antônio Cândido (Azevedo, [19 --], p.1-5).

Nos anos subseqüentes, porém, multiplicaram-se as pesquisas na área da Sociologia da Educação. A este respeito, anota Aparecida Joly Gouveia:

"Como objeto de investigação empírica, questões como as que convencionalmente se inserem no âmbito dessa disciplina primeiro se colocaram em estudos efetuados por pesquisadores formados no Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, criado em 1947. Apontados implícita e explicitamente em teorizações de Durkheim, Weber ou Mannheim e pautados pelos padrões de trabalho científico cultivados naquela instituição, várias pesquisas sobre estudantes universitários e escolas de nível primário e secundário foram realizadas nas décadas de cinqüenta e sessenta

Menciona, nesse caso, os trabalhos de M. S. F. Moreira, M. A. Forachi e Luiz Pereira (Gouveia, 1985, p.63-64). A autora dessa resenha foi precursora no uso do *survey* como técnica de coleta de dados, linha em que desenvolveu relevantes pesquisas. Mencionem-se ainda os ensaios de Florestan Fernandes; deve-se a esse autor, ademais, uma excelente abordagem da metodologia de Durkheim (Fernandes, 1972 p.70-83).

O padrão organizacional das Faculdades de Filosofia, iniciado pela USP e consolidado em 1939, em termos de legislação federal, pela Faculdade Nacional de Filosofia, espalhou-se por outros centros, formando licenciados em várias modalidades de conhecimento, inclusive as Ciências Sociais. Estes diplomados dirigiam-se mais ao magistério do que à pesquisa. Em São Paulo, tiveram maior oportunidade de trabalho, por causa da difusão da Sociologia nos cursos normais.

Na USP, assim como nos melhores cursos de graduação em Ciências Sociais ou em Sociologia e Política, os sociólogos clássicos sempre foram lidos e comentados. Essa prática se generalizou, desde o início dos anos 70, nas instituições que criaram programas de pós-graduação. Passou a ser prática obrigatória, nos dois níveis de ensino, o estudo de teoria social clássica e moderna. Dentre os clássicos, sempre se destacam as obras de Durkheim, Karl Marx e Max Weber; às vezes, Simmel,

Veblen e poucos mais. Mesmo na graduação, a leitura dos textos originais desses autores passou a substituir o uso de manuais e apostilas.¹⁶

Ao discutir a alternância da hegemonia dos diversos modelos metodológicos, Aparecida Joly Gouveia afirma que "o celeiro da pesquisa nesse ramo da Sociologia encontra-se atualmente nos programas de pós-graduação em Educação. Nestes programas, que são bem mais numerosos do que os de Sociologia, a disciplina Sociologia da Educação é frequentemente obrigatória; por outro lado, naqueles programas, docentes e alunos não encontram pólos de atração alternativos em outros subcampos da Sociologia" (Gouveia, 1985, p.66). Embora a afirmação corresponda à realidade, em termos gerais têm-se notícia de diversos sociólogos, fora dos programas de Educação, interessados no referido ramo do conhecimento sociológico. É o que acontece, por exemplo, na Universidade de Brasília, que conhecemos mais de perto. As disciplinas, nos programas de Sociologia, são lecionadas sob o título de Educação e Sociedade ou semelhantes.

Retomando nosso tema, pensamos que Durkheim continua vivo na escola brasileira, quer diretamente, pelos seus textos, quer indiretamente, pelos trabalhos de seus seguidores e intérpretes.

Gostaríamos de encerrar esta parte do artigo aludindo a contribuições da socióloga Barbara Freitag, que tem analisado a parte educacional da obra de Durkheim sob ângulos pouco explorados no Brasil. Ela promove o retorno ao pensamento durkheimiano — às vezes em conjunto com o de outros autores — ao considerar temas atuais; pelo modo como o faz, reforça-nos a convicção de pioneirismo do referido pensador **também** nesse terreno.

Nas linhas abaixo, com intuito informativo, nos limitamos a indicar o sentido das referências, sem discutir ou aprofundar os respectivos conteúdos.

¹⁶ Nesse sentido, um livro como o organizado por Gabriel Cohn (1977) representa a nova mentalidade.

A autora nos propõe uma tipologia das atuais tendências da área em apreço:

"A reflexão sociológica em torno da educação e de sua institucionalização nas modernas sociedades capitalistas concentrou-se, nos últimos tempos, em torno de três temas: as formas de organização das instituições de ensino, ou seja, suas estruturas; o funcionamento dessas instituições de ensino, ou seja, sua dinâmica; e, finalmente, seu caráter ideológico, incluindo sua função ideologizadora, ou seja, seu efeito prático" (Freitag, 1984 b, p.11).

Especifica os tipos de estudo que se enquadram em cada uma das duas primeiras áreas temáticas, para observar que os aspectos estrutural e dinâmico só podem ser separados por motivos analíticos; da mesma forma, causas e efeitos do processo educativo devem ser percebidos no conjunto do processo social. Acrescenta que essa integração fora assinalada por Durkheim, tanto nas **Regras do método sociológico** (1895), como em **Educação e sociologia** (1922).

Também os estudos incluídos na área propriamente ideológica necessitam balizar-se por coordenadas macrossociais. Lembra os trabalhos, nessa direção, realizados recentemente, inclusive no Brasil, ressaltando a ausência da abordagem sociológica em estudos sobre a criança escolar e a aprendizagem.

Tais considerações encontram-se na introdução de livro dedicado a esse último aspecto. "Com o presente estudo", afirma, "tentarei preencher, em parte, essa lacuna, focalizando o problema da constituição de estruturas formais de consciência de crianças em idade escolar, num contexto concreto, e estudando, para isso, a competência lingüística, moral e lógica — isto é, o estágio psicogenético (Piaget) — de crianças paulistas (em parte escolarizadas, em parte sem escolarização alguma) de diferentes classes sociais e de diferentes faixas etárias" (Freitag, 1984b, p.13).

Noutro livro, que dedicou à análise da política educacional brasileira, especialmente no período 1964-1975, Barbara Freitag utiliza as idéias

de Durkheim, ao formular o quadro teórico do trabalho. Começa a autora, a nosso ver, por atribuir-lhe a primazia como sistematizador do enfoque da Educação dentro do contexto social. Supõe-se uma doutrina pedagógica, baseada "implícita ou explicitamente em uma filosofia de vida, concepção do homem e sociedade"; e supõe "uma realidade concreta, o processo educacional" que se manifesta por meio de instituições próprias (família, igreja, escola, comunidade), as quais "se tornam porta-vozes de uma determinada doutrina pedagógica" (Freitag, 1984a, p.15). Afirma não ser objetivo seu a **revisão** de todas as posições existentes, bastando-lhe, para justificar o ponto de vista adotado, "recapitular os limites e as vantagens das teorias mais conhecidas". A posição de que mais se aproxima é a gramsciana, que empresta decisivo papel à sociedade civil, "lugar de circulação das ideologias e do exercício da função hegemônica". Gramsci, comenta, foi mais longe do que os althusserianos na consideração dos aparelhos ideológicos do Estado (Freitag, 1984a, p.15).¹⁷

O percurso das teorias arroladas se inicia com Durkheim, levando-se em conta os textos de **Educação e sociologia** e o conceito de fato social, conforme já exposto neste trabalho.

A autora discute a perspectiva durkheimiana da socialização das novas gerações, pelas antigas, detentoras de valores e normas a serem internalizados pelos educandos. Discute ainda a não definição dos conteúdos dos sistemas educacionais, com o que se privilegiam as finalidades de ordem, integração e continuidade societárias.

Estabelece afinidades entre Durkheim e Parsons, sendo que este assimilou parcialmente as formulações do primeiro. Parsons estabelece equivalências funcionais de interesse recíproco da sociedade e do indivíduo. Acentua a idéia de equilíbrio, procurando harmonizar o sistema de personalidade e o sistema social. A crítica mais severa feita a ambos é no sentido de que, "negando a dimensão histórica e com isso a possibilidade de mudança do contexto societário em que vivem os indivíduos, negam

Para uma síntese da posição de Gramsci, cf. Freitag (1984a, p. 126).

também a concepção do homem histórico que seria produto dos condicionamentos sócio-econômicos, ao mesmo tempo que ator consciente dentro das estruturas que o condicionam" (Freitag, 1984a, p.23).

Tanto Durkheim quanto Parsons são colocados em contraste com dois outros teóricos, Dewey e Mannheim; estes "parecem, ao contrário, ver na educação um instrumento de mudança social, já que é através dela que se imporá e realizará a sociedade democrática. Educação, em verdade, é concebida como agente de democratização da sociedade". Dewey pretende realizar os ideais democráticos por meio das vivências no âmbito escolar; Mannheim por meio do planejamento mais racional possível da ação (e reconstrução) social, inclusive no campo educativo.

Daí para frente, examinam-se as teorias que destacam a relação do processo educativo com o sistema econômico, área de estudos em que a Sociologia esteve ausente; e mais aquelas que denunciavam a natureza ideológica da escola em suas relações com o sistema capitalista (Freitag, 1984a, p. 18-43).

Textos mais recentes de Barbara Freitag se referem a normas sociais e moralidade; consideraremos dois deles. No primeiro caso, trata-se de discutir uma definição sociológica de norma, considerada esta em sua gênese e conscientização. Apela para três autores clássicos: Max Weber, Émile Durkheim, e Jean Piaget, os quais tratam o conceito "a partir de três ângulos distintos mas complementares".

De Weber, toma os comportamentos regulamentados pela sociedade e que fluem sucessivamente, o uso (repetição de práticas de forma inconsciente), a tradição (formada por hábitos que se reiteram e são percebidos conscientemente, como padrão) e a convenção, que difere do direito no modo pelo qual se aplicam sanções aos transgressores. De Piaget, recorda os passos, pela via psicogenética, que a criança dá, desde o estágio pré-moral até a autonomia moral, passando pela etapa da moralidade heterônoma. Esses dois processos se complementam (Freitag, 1987, p.53-55).

O comentário acrescenta:

"Foi Durkheim em sua **Education morale** (1925) quem mostrou a necessidade de integração desses processos genéticos. **A norma, enquanto 'fato social' só tem poder coercitivo e vigência na medida em que for aceita e seguida pelos membros que integram a sociedade** (Freitag, 1987, p.54; grifo da autora).

Daí os pré-requisitos da moralidade, já lembrados quando se fez o registro do conteúdo do referido livro. "Piaget retomou sob bases dinâmicas e emancipatórias os três pré-requisitos da moralidade destacados por Durkheim, mostrando que não são 'elementos' de uma realidade social e reformuláveis da ordem social". A correção do ponto de vista sociocêntrico se estende também a Weber. "**E Piaget**", acrescenta, "**corrige também a visão conservadora de Durkheim, mostrando (o que Weber já havia demonstrado filogeneticamente) que a norma não é um 'dado', 'uma coisa', mas algo dinâmico, negociável e antecipável pelas partes** (Freitag, 1987, p.55; grifo da autora).

No restante do trabalho, lembra aplicações que realizou das teorias de Piaget, em pesquisas feitas no Brasil. Por elas se verifica que a consciência da norma, além das condições de maturação e reconstrução interna pela criança, depende ainda "das condições sócio-econômicas em que viva a criança e da sua escolarização plena ou não".

A análise da trama das idéias sobre moralidade, no sentido de "princípio que orienta a ação", foi retomada, pela mesma autora, em ensaio recente de maior amplitude. O conteúdo desse novo escrito, pela densidade que apresenta, dificilmente poderia ser transmitido ao leitor no espaço limitado de que dispomos. Somente a leitura atenta possibilitará que se capte toda a sutileza do tema.

A contribuição do estruturalismo genético sobre o assunto constitui a grade que o delimita ou o fulcro em torno do qual giram as concepções filosófica (Kant), sociológica (Durkheim), psicológica (Kohlberg) e da ética discursiva (Habermas). Estamos diante de uma abordagem interdis-

ciplinar e de bem fundamentada resenha crítica do estágio atual dos estudos acerca da moralidade (Freitag, 1989).

Para situar Durkheim, na seqüência das concepções analisadas, será necessário transcrever, inicialmente, este trecho:

"Todo o esforço (filosófico e epistemológico) de Kant em distinguir entre o reino da necessidade (natureza) e o reino da liberdade (sociedade), entre leis naturais e sociais, entre o ser e o dever ser, o determinado e o indeterminado, o inconsciente e o consciente, sucumbe à obsessão positivista da sociologia, preocupada em estabelecer-se como ciência" (Freitag, 1989, p.17).

Procura mostrar que, seguindo várias linhas, essa é a constante do pensamento sociológico nos séculos XIX e XX; conclui por afirmar que Durkheim encarna do modo mais puro a tendência de deslocar a ótica do sujeito para a ótica das estruturas sociais.

Em sua recuperação dos aspectos positivos das idéias de Durkheim para o estudo da moralidade, Piaget se vale da distinção entre solidariedade mecânica e solidariedade orgânica (Divisão do Trabalho Social) e dos três elementos da moral (Educação Moral), que são vistos de outra forma pelo psicólogo de Genebra.

Na discussão que estabelece, Barbara Freitag não se limita a esses textos, mas acompanha, em seus fundamentos, a construção do modelo de sociedade de Durkheim, em que são relevantes, por exemplo, o estabelecimento das regras sociológicas para o conhecimento dos fatos sociais, as noções de consciência e de representações coletivas, além da Sociologia do conhecimento contida em **As formas elementares de vida social** (Durkheim, 1989).¹⁸

¹⁸ Dos livros fundamentais de Durkheim, faltava esse para ser traduzido para o português. Os outros são: **As regras do método sociológico** (1960); **O suicídio** (1977b); **A divisão do trabalho social** (1977a).

Se insistimos nesse imperfeito relato de trabalhos mais ou menos recentes, foi com o intuito de apresentar o que nos parece ilustrativo de uma etapa nova na utilização das categorias analíticas de Durkheim no pensamento social que se produz, no Brasil, na área educacional. Vimos o reconhecimento da primazia com que o sociólogo francês tratou das características societárias da Educação.

Balanço e proposta

Fica-nos a impressão de que Durkheim mantém uma difusa influência no pensamento brasileiro (há cerca de um século vem sendo lido e comentado aqui!), porém menos extensa no campo educacional do que já foi em outras épocas. O fato não significa terem suas reflexões perdido a validade ou o poder de convencimento. A razão é que outras perspectivas teórico-metodológicas foram surgindo e se impuseram na condição de mais adequadas ao entendimento do conflito educativo em nosso tempo.

Como resíduo associado a um momento criativo da Educação brasileira — o da Escola Nova —, resta a reiterada leitura do pequeno livro **Educação e sociologia**, feita por gerações de normalistas e de estudantes de Pedagogia. Esses leitores muito têm lucrado com a clareza, a boa lógica e as distinções impecáveis que caracterizam o texto. O livro continua sendo citado nos manuais modernos, os que substituíram o de Fernando de Azevedo, ou com ele competem.⁹

L'éducation **morale** não é geralmente adotado e, como se acentuou, é pouco citado. **L'évolution pédagogique en France** tem sido completamente desconhecido por parte do meio intelectual brasileiro.²⁰

Resta-nos ainda a boa lembrança da atuação de Fernando de Azevedo, figura tão presente neste trabalho ligado também à Escola Nova e à implantação da Universidade.

⁹ Exemplos de manuais recentes: Toscano (1986) e Piletti (1989).

²⁰ Em 1989, em contato com o prof. Theodor Schanin, da UFRGS, tomamos conhecimento de seus estudos, em nova perspectiva, sob Durkheim, inclusive sua metodologia histórica. Trata-se de tese de doutorado a ser apresentada à Universidade de Wisconsin, EUA.

Nos cursos de pós-graduação, os alunos produzem trabalhos sobre Durkheim.²¹ Retoma-se, nesses programas, o gosto pelos estudos teóricos, depois de uma saturação, por vezes repetitiva, de trabalhos de campo. Parece que se supera, igualmente, a dicotomia maniqueísta funcionalismo versus dialética, na qual nosso autor tem sido encaixado, inapelavelmente, no primeiro termo.

Como se percebe, nas "considerações finais" acima, algumas delas são apresentadas com certa margem de segurança; outras, com quase nenhuma segurança.

Consideremos este artigo como um "começo de conversa". Ao realizá-lo, o autor se sentiu motivado por recente aproximação com alguns temas educacionais e por um antigo interesse pela evolução do pensamento social no Brasil.

A pesquisa prosseguirá. A continuação inclui o rastreamento dos volumes de **L'Année Sociologique** e de outros periódicos antigos, em busca de outros textos e de novas informações; inclui o melhor esclarecimento das afinidades entre Durkheim e Dewey; inclui a leitura crítica de **L'éducation morale** e de **Uévolution pédagogique en France**; inclui a tradução dos textos que não constam da edição brasileira de **Educação e sociologia**; inclui, enfim, contatos, por entrevistas e outros meios, com os programas de pós-graduação em Educação, para saber como neles se considera a tradição durkheimiana.

Essa disposição de trabalho queremos estendê-la aos leitores. É um convite na linha do retorno crítico aos clássicos.

Será o Durkheim dos livros sobre Educação menos clássico do que o Durkheim dos quatro livros fundamentais? Não o cremos. Jamais produziu escritos descartáveis, como os diluidores o fizeram. Em tudo o que nos legou permanece o toque clássico- o das sementes que sempre se renovam.

²¹ Apenas dois exemplos ao acaso: Pereira (1984), que compara Tocqueville e Durkheim e Sena (1979).

Bibliografia

ALPERT, Harry. **Durkheim**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1945.

ARBOUSSE - BASTIDE, Paul. Introdução à tradução das regras do método sociológico de Durkheim. In: DURKHEIM, Émile **As regras do método sociológico**. São Paulo: Ed. Nacional, 1937. p.5-120.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 197-376: Émile Durkheim.

AZEVEDO, Fernando de. **História de minha vida** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1971.

———. **Sociologia educacional**. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos, [19-]. p.1-3.

CÂNDIDO, Antônio. Informação sobre a sociologia em São Paulo. In: CONTRIBUIÇÕES de **O Estado de São Paulo** às comemorações do IV Centenário da cidade de S. Paulo, São Paulo: Anhembi, 1958. p.510-521.

———. A Sociologia no Brasil. In: ENCICLOPÉDIA Delta Larousse Rio de Janeiro: Delta, 1967.

———. Tendências no desenvolvimento da sociologia da educação. In: PEREIRA, Luiz; FORACHI, MA (Orgs). **Educação e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1963. p.7-12.

COHN, Gabriel (Org). **Sociologia**, para ler os clássicos. São Paulo: LTC, 1977.

CUNHA, Luiz Antônio. Educação e sociedade no Brasil. In: ANPOCS-BIB. **O que se deve ler em ciências sociais no Brasil**, n.2 São Paulo: Cortez, 1986-1987.

DURKHEIM, Émile. **De la division du travail social** Paris: [s.n.], 1893.

———. **A divisão do trabalho social** Lisboa: Presença, 1977a

———. **Educação e sociologia**. 11 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

———. **Education and sociology** Prefácio de Talcott Parsons. New York: Free Press, 1956.

———. **Education et sociologie**. Paris: Alcan, 1922

———. - ——. 2.ed. Prefácio de Maurice Debresse. Paris: PUF, 1966

———. **L education morale** Advertência de Paul Fauconnet. Paris: PUF, 1974

L evolution pédagogique en France Paris: PUF. 1969

— **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

Les formes elementaires de la vie religieuse: le systeme totemique en Australie. Paris: Alcan. 1912. 647p.

———. **Pragmatisme et sociologie**: cours inedit prononce a la Sorbonne en 1913-1914. Paris: J. Vrin, 1955. 211p.

Les règles de la méthode sociologique. Paris: [s.n.], 1985

———. **As regras do método sociológico** 2 ed. Tradução por Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Ed. Nacional. 1960.

———. **Le suicide**: étude de sociologie. Paris: [s.n.], 1987.

———. **O suicídio**: estudo de sociologia. 2.ed. Lisboa: Presença, 1977b. 470p.

- FAUCONNET, Paul. A obra pedagógica de Durkheim. In: DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia** 11 .ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. p.5-31.
- FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1972. p.70-83: As soluções fundamentais dos problemas da indução-I: E. Durkheim.
- FREITAG, Barbara. **Escola, estado e sociedade**. 5.ed. São Paulo: Moraes, 1984a.
- . A norma social: gênese e conscientização. In: SOUSA JR., José Geraldo (Org). **O direito achado na rua**. Brasília: UnB, 1987.
- . A questão da moralidade da razão prática de Kant à ética discursiva de Habermas. **Tempo Social**, São Paulo, v.1, n.2, p.7-47, 2. sem. 1989.
- . **Sociedade e consciência**: um estudo piagetiano na favela e na escola. São Paulo: Cortez, 1984b.
- GIDDENS, Antony. **As idéias de Durkheim**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- GOMES, Cândido. **A educação em perspectiva sociológica**. São Paulo: EPU, 1985. p.1 -14: Os estudos sociológicos da educação no Brasil.
- . A sociologia da educação em perspectiva internacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.67, n.157, set. dez. 1986.
- GOUVEIA, Aparecida Joly. As ciências sociais e a pesquisa sobre educação. **Tempo Social**, São Paulo, v.1, n.1, p.71-79, 1sem. 1979.
- . Orientações teórico-metodológicas da sociologia da educação no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.55, p.63-67, nov. 1985.
- HALBWACHS, Maurice. Introduction. In: DURKHEIM, Émile. **L'évolution pédagogique en France**. Paris: PUF, 1969.
- ISAMBERT-JAMATI. Para onde vai a sociologia da educação na França? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.67, n.157, p.538-551, set./dez. 1986.
- LEVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didièr. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- MAUSS, Mareei. L'oeuvre inédite de Durkheim e des ses collaborateurs. **L'Année Sociologique**: nouvelle série, Paris, t.1, p.10, 1925.
- PEREIRA, Potyara AP **Associações voluntárias versus corporações** Brasília, 1984. mimeo.
- PILETTI, Nelson. **Sociologia da educação**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- RODRIGUES, José Albertino (Org). **Émile Durkheim**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1988.
- SENA, Custódia Selma. **Durkheim e o estudo das representações** Brasília, 1979. mimeo.
- TIRYAKIAN, Edward. Le premier message d'Émile Durkheim. **Cahiers Internationaux de sociologie**, Paris, v.42, n.1, p 21-32, 1967.
- TOSCANO, Moema. **Introdução à sociologia educacional**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- WALLWORK, Ernest. **Durkheim: morality and milieu**. Cambridge: Harvard University Press, 1972.